

Programa

A partir da segunda metade da década de 1930, Heidegger enxerga o Ser como uma questão (Seinsfrage) e se afasta da ideia de uma ontologia não apenas pelo modo como a ontologia foi considerada na história da metafísica, mas também pela ideia mesma de um tratar do ser, de discursar acerca do ser, ou, de alguma maneira, ter o ser como conceito no horizonte. Esse desenvolvimento, associado a sua aproximação do projeto de Nietzsche acerca da empreitada metafísica, fez com que ele se distanciasse do ser enquanto algo que possa se apresentar, em direção a um vestígio (Seyn) ou a uma não-presença (~~Sein~~)¹. Neste momento, surge a ideia mesma de uma história não-pensada, a história do ser (Seyn), uma história que não é de presenças mas de efeitos, transversal e não linear ou acumulativa. Nesse momento, Heidegger volta-se para a história da metafísica para buscar onde aparecem as marcas da história do ser, uma busca que vai aparecer explicitamente no segundo volume de seu *Nietzsche*, que seria escrita alguns anos mais tarde. É nesse contexto que o niilismo aparece como a era da metafísica na história do ser.

Essa história, impensada, se distingue da história dos entes (dos processos, das configurações, dos temas). É uma história contra a linguagem, já que a linguagem ela mesma a trai. Trata-se de uma história que reflete uma destruição (*Destruktion*) da ontologia que tem que entendê-la dentro da história do ser, mas não como um movimento que deixa presente o que passou – uma acumulação, um relevo, uma *Aufhebung* – mas como um pensamento dos destroços. Talvez a única pista para uma história assim é oferecida pelas marcas do niilismo – a tecnologia, escreve mais tarde Heidegger, em sua *Carta sobre o humanismo*, é na sua essência um destino na história do ser.

O objetivo do curso é fazer uma leitura da *Die Geschichte des Seyns* e da *Besinnung* tendo em vista algumas questões contemporâneas – em particular associados aos impasses da artificialização do mundo e da inteligibilidade. A leitura procurará ser uma leitura cosmopolítica – no sentido de uma consideração do cosmos habitado. E assim, da ecologia das práticas que conectam o pensamento com todo o resto (Stengers), da disposição das interações entre a fisicalidade e a animação (Descola) ou da impacto da vontade de verdade sobre as estrelas (Nietzsche). A cosmopolítica pensada em termos de uma configuração de espectros – e sua história como uma tectônica. O niilismo, certamente, aparece tanto como cosmopolítica exemplar e como era orientadora da história do ser.

- Encontro 1: A história do ser I: I, II
- Encontro 2: A história do ser I: III, IV
- Encontro 3: A história do ser I: V, VI: 44-60
- Encontro 4: A história do ser I: VI: 61-73, VII
- Encontro 5: A história do ser I: VIII, IX, X
- Encontro 6: A história do ser II: XI
- Encontro 7: A história do ser II: XII, XIII
- Encontro 8: Koinon, Esboço de Koinon
- Encontro 9: Meditação I e II
- Encontro 10: Meditação III e IV
- Encontro 11: Meditação V e VI
- Encontro 12: Meditação VII até XV
- Encontro 13: Meditação XVI até XXV
- Encontro 14: Meditação XXVI até XXVIII

1 O corte sobre a palavra ‘ser’ não é uma linha horizontal, mas uma cruz.